

PRISTA MONTEIRO OS
faustos

arcãdia





colecção teatro / arcádia

volumes publicados:

A JUVENTUDE PODE SALVAR O TEATRO

Redondo Júnior

A PREPARAÇÃO DO ACTOR

K. Stanislavsky

OS FAUSTOS

Prista Monteiro

próximos volumes:

QUEM MOVE AS ARVORES

Fiama Hassa Pais Brandão

SOCIOLOGIA DO TEATRO

Jean Duvignaud

O TEATRO TEATRAL

Vzévolod Meyerhold

TÍTULO

Os Faustos

COLECÇÃO

Teatro / Arcádia

CAPA E PLANO GRÁFICO

Gina Martins Calado / Atelier Arcádia

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Sebastião da Costa Aboim

Direitos de tradução, reprodução e adaptação reservados
para todos os países

© Editora Arcádia, S.A.R.L.

Campo de Santa Clara, 160-D, 1100 Lisboa-Portugal

1.ª edição — Março de 1979

Edição n.º 766

Esta edição, de que se tiraram 5.000 exemplares, foi
composta e impressa por
Editorial Minerva MINIGRÁFICA, Cooperativa de Artes
Gráficas, SCARL — Rua da Alegria, 30
e acabada nas Oficinas Gráficas da Editora Arcádia

PERSONAGENS:

Ele

Ela

2.º Ele

2.ª Ela

Kari

Chondr

Mit

Lip

Teras

Plas

Chro

So

Pro

Mei

ACTO

Quando o pano sobe a sala está às escuras. Ouvem-se «off» vozes que se aproximam. Abre-se a porta ao fundo e entra um casal que acende a luz. A sala é confortável embora austera. As paredes estão decoradas com profusão de motivos religiosos — imagens de santos, crucifixos, num nicho de parede a estátua de santa santa de manto e longo rosário, etc. Além disto, uma cómoda com outro crucifixo, um espelho acima dela, sofá, mapas, mesa, estante de livros, etc. Nada de rádio, TV, ou qualquer nota moderna. À direita, buíça, vê-se outra porta.

O casal que entrou tem cerca de quarenta anos. Vem com muita compostura embora felizes e contentes falando e rindo ao mesmo tempo. Ela veste fato de saia e casaco preto, blusa branca com gola muito fechada no pescoço, a saia até aos tornozelos, os sapatos de salto baixo e um penteado que ostenta um desgrenhado xarrapito. Num dos braços traz um grande rolo de papel e no outro uma caixa de cartão. Ele vem igualmente de

«Quando o pano sobe a sala está às escuras. Ouvem-se «off» vozes que se aproximam. Abre-se a porta ao fundo e entra um casal que acende a luz. A sala é confortável embora austera. As paredes estão decoradas com grande profusão de motivos religiosos — imagens de santos, crucifixos, num nicho de parede a estatueta de uma santa de manto e longo rosário, etc. Além disto, uma cómoda com outro crucifixo, um espelho acima dela, sofá, maples, mesa, estante de livros, etc. Nada de rádios, TV, ou qualquer nota moderna. À direita, baixa, vê-se outra porta.

O casal que entrou tem cerca de quarenta anos. Vêm com muita compostura embora felizes e contentes falando e rindo ao mesmo tempo. Ela veste fato de saia e casaco preto, blusa branca com golinha muito fechada no pescoço, a saia até aos tornozelos, os sapatos de salto raso e um penteado que ostenta um desengraçado carrapito. Num dos braços traz um grande rolo de papel e no outro uma caixa de cartão. Ele vem igualmente de

fato escuro, colete, gravata de tons também escuros, mas não preta e chapéu negro tipo diplomata. À semelhança da mulher traz num dos braços um rolo de papel e no outro um pacote.

Quando entram, rindo, colocam os seus volumes em cima da mesa ao centro da sala e dão início a um cerimonial de felicitações mútuas de mãos dadas e pequenas e discretas gargalhadinhas.»

ELE — Parabéns querida!

ELA — Parabéns querido!

ELE — Até que enfim!

ELA — Até que enfim!

ELE — (Em êxtase) Ainda nos parece mentira. Não é, querida?! Agora... vais ver! Agora sim. Tudo irá correr bem connosco.

ELA — (Ar sonhador) Será possível? Tanto tempo!

(Afastam-se um pouco como para se observarem melhor e depois rompem a rir e começam a dançar e a cantar o «French Can-Can». A espaços interrompem-se para trocarem pequenas e ridículas «beijocas» repenicadas. Por fim param, cansados, cada um para seu lado.)

ELE — Tens razão! Foi preciso... sei lá! Ah! Mas agora vais ver.

ELA — Quase no fim da vida, hem!

ELE — ...E afinal! Olha!...

ELA — É! Tão fácil... tão... tão justo! Justo! Justo é a palavra certa.

ELE — Justo e eficaz, hem! Vais ver!

(Voltam a repetir a cena anterior. Olham-se felizes, dão-se as mãos e cantam e dançam o «Can-Can» intervalando-o com as «beijocas».)

ELA — (Pára e saboreia) E-FI-CAZ!

(Ele ainda continua a dançar sozinho uns momentos, depois vai buscá-la e beijocam-se de novo. Ela continua.)

— Tão perto de nós!...

...E só agora... (Pausa. Ele continua a dançar até que Ela lhe grita em pânico.)

— ...Mas... e será mesmo agora?!

ELE — (Pára bruscamente) Credo filha! Ainda não estás convencida? Caramba! Valha-nos Deus!

(Esboça o gesto de quem se benze mas logo o interrompe desajeitadamente. Continua.)

— Então não te basta... tudo isto?! Tudo o que vimos... e ouvimos?! Que diabo!

ELA — Pois, pois! Filho! Eu, é que... bem, ainda tenho medo.

ELE — Medo?! Medo de quê? Isso até é pecado!...

(Suspendem-se, olham-se subitamente assustados e depois de alguns momentos encolhem os ombros e descontraem-se de novo.)

— Ora!

ELA — Pois claro! (Pausa) Mas... agora por isso... (Olha em torno da sala.)

ELE — (De súbito, percorrendo agitadamente a sala a largas passadas.)

— É, é! (Aponta as paredes) Tens razão! Isto tudo! Temos de varrer tudo isto! Já! Tudo, todos estes artifícios!

ELA — (Alegre, dançando sozinha) Todos estes símbolos mortos. Tudo! A vida... é vida!

(De novo se dão as mãos, beijam-se afastados um do outro e por momentos ensaiam alguns passos do «Can-Can» para depois darem início à sua tarefa. Cada um salta para cima duma cadeira e começam a tentar desmontar quadros, crucifixos, imagens, etc., trabalho este que com frequentes interrupções se irá prolongar por todo este acto. Às vezes trocam de cadeiras, beijando-se pelo caminho sempre cantarolando nos intervalos do diálogo. Em dado momento Ela consegue retirar um dos quadros, desce, coloca-o no chão e vai a uma das gavetas da cómoda onde folheia febrilmente numerosas gravuras, faz um braçado delas e vai atirá-las para fora da porta do fundo ou lançá-las numa bacia e deitar-lhes fogo, voltando depois à cómoda. Ele está entretido com outro quadro, cantarolando sempre.)

ELE — (Falando para si) ...Hum! Não queres sair!

ELA — Oh! Vê lá não o partas!

ELE — Hum! Não... Tenho é que ir buscar... qualquer coisa...

(Desce e sai rapidamente, cantarolando, pela d. b., continuando a ouvir-se «Off» a sua voz e o ruído de objectos caindo no chão. Ela olha fixamente para algo que se encontra na gaveta da cómoda e que é invisível para os espectadores. Ele reentra trazendo na mão um «pé-de-cabra».)

ELE — Ora vamos lá a ver, agora...

(Recomeça o trabalho e a dado momento é atraído pelo mutismo da mulher. Suspende-se e interroga.)

— Querida! Que há?

ELA — Ah! Nada!

ELE — *(Recomeçando)* Bem! Então, não ajudas? Ainda temos muito que fazer.

(Continua a cantarolar enquanto a mulher se mantém absorta na mesma posição. Passados uns momentos:)

— Mas o que é, filha?!

ELA — Nada!... Não sei!

ELE — Ora! Hoje é o melhor dia da nossa vida. Temos de comemorar isto, hem! Logo, depois da nossa estreia...

ELA — *(Animando-se)* Mas... tu, tu tens a certeza?

ELE — Então! Mas que é isso? E tu? Não tens? Não ouviste há bocado? Não era disto mesmo que temos estado à espera? Não era justamente disto que nós precisávamos?

ELA — Mas... tens a certeza?

ELE — *(Desce, aproxima-se d'Ela com uma carícia na face.)*

Ora! Descansa! Agora, é que tudo irá correr bem... entre nós.

ELA — *(Ansiosa)* Tudo?

ELE — Sim, tudo!

ELA — Mas...

ELE — Mas o quê? Diz!

ELA — *(Sumidamente)* ...Filho!

ELE — O quê?

ELA — *(Sempre hesitante)* Sim... um filho...

ELE — *(Irritado)* Um filho?!

ELA — Sim! Achas que eles...

ELE — Ora! Disparate! Que têm eles com isso?

ELA — Podia ser... sei lá!... Tivessem alguém... algum médico...

ELE — (*Secamente*) Ora! Julgava que isso já estava arrumado. De vez.

ELA — Está, está! Mas...

ELE — Mas o quê, caramba!

ELA — Hum! Bem sabes... sempre desejei ter um filho.

ELE — Bom, está bem! Mas... que é que isso adianta?

ELA — Hum! É que às vezes... pode ser que haja...

ELE — Haja o quê?

ELA — Pode ser que haja um médico!

ELE — Um médico como, irra! Não fomos a todos?!

ELA — Bom! Mas podia ser que eles...

ELE — (*Hesitando*) O quê? (*Pausa*) Algum... dos deles?!

ELA — Sim, sim. Dos deles. Eles são fortes, não são? Têm tudo! São os melhores os... os mais bem organizados.

ELE — (*Com entusiasmo*) Sim, são formidáveis. Poderosos. Estão em toda a parte. Sabem tudo.

ELA — (*idem*) Vês, vês! Era isso mesmo que eu queria dizer.

ELE — (*De novo abatido*) Bem!... Mas tu... bem sabes que eu...

ELA — Ora! Mas podia ser. (*Aproxima-se, sensual*) ...E ainda íamos a tempo. Muito a tempo!...

ELE — (*Frio*) Bem sabes que eu...

ELA — (*Idem*) Ainda íamos a tempo!...

ELE — *(Com irritação)* E há muito tempo também, que tu sabes isso, irra! Tinha-se posto uma pedra sobre o assunto.

ELA — *(Secamente)* Mas... nunca é demais tentar.

ELE — Tentar o quê? Não esgotamos tudo?

ELA — *(Gritando)* Não! *(Atira-se para o sofá, de cabeça entre as mãos)* Não pode ser! Não pode ser! Não pode... A vida dum casal... bem, depende também disso. *(Soluça)* Do amor... físico! *(Num grito de desafio)* Do sexo!

ELE — *(Abismado)* Do... do quê? Do sexo? Mas... o que estás tu para aí a dizer?! *(Pausa. Caminha agitado ao longo da sala. Passados momentos recomeça.)*

— Desgraçada! Desgraçada! Olha!... Que Deus te perdoe! *(Pausa)*

ELA — Bem!... Tu... tu não compreendeste... eu, não quis... o que eu quero dizer é que isso também é amor. Até a Igreja...

ELE — *(Com raiva)* Cala-te! *(Pausa)*

— Espantoso! Ainda por cima, hem! A confundir tudo! A que propósito vem a Igreja para aqui?... Ham?! Sim! Explica lá isso? *(Pausa)*

Depravação! Luxúria! Luxúria é o que isso é!

(Salta para cima duma cadeira e recomeça o seu trabalho martelando, retirando quadros que procura substituir por novos «posters» que trouxera no seu rolo, e que representam agora símbolos de propaganda de um Partido político não identificável. Entretanto continua as suas acusações à mulher enquanto esta a princípio se mantém abatida sobre o sofá.)

— Fornicar! É só no que pensam. Lá o resto... a família, o lar... amor, isso... é só um alibi. *(Risinho)*

ELA — *(Protesta debilmente)* Oh! Por amor de Deus!...

ELE — *(Implacável)* Sim, sim! Amor, amizade... um amor... sublime... isso não conta!

ELA — Mas, por favor! Sabes bem, que eu... todo este tempo...

ELE — E eu? Sim?! Não tive também que me... *(Pausa)*

E afinal... não temos vivido... melhor que muitos?!

ELA — Sim, sim, temos. Tu... tens razão. Perdoa-me!

ELE — Bom! Está-me cá a parecer!... Sabes, o melhor é ainda mandar chamar o teu confessor. *(Desce)*

ELA — *(Grita)* Não! Por favor, agora não! Agora já não podemos.

ELE — *(Suspenso)* Tens razão!

(De súbito ambos se voltam olhando fixamente a cómoda. Momentos depois caminham abatidos na sua direcção. Páram hesitantes junto dela.)

ELA — Há tanto tempo!... Que isto já não era preciso.

ELE — É! *(Pausa)* Mas hoje... volta a ser, querida!

ELA — *(De novo revoltada)* Hoje! Hoje! Mas logo hoje porquê?!

Não disseram eles... sim! Não disseram que tudo isto... eram taras... obscurantismo!... Que os instintos sexuais são... vêm... do mais pro-

fundo do ser humano? Sim?! E que não devemos renegar-nos?!

(Num gesto brusco abre a gaveta de baixo da cómoda e dela retira uma espécie de camisa de dormir, feita de grossa serapilheira que ambos olham como que hipnotizados. Depois ela, apática, experimenta-a encostando-a ao seu corpo.)

ELE — (Horrorizado) A tua camisa!...

ELA — (Idem) O meu cilício! Quantas noites!...

(De súbito, raivosamente, começa a rasgá-la enquanto o marido após curta hesitação a auxilia, também furiosamente. Por fim, exaustos, abraçam-se para logo a seguir se afastarem um pouco e recomeçarem, ridiculamente, mas felizes, a beijocar-se.)

ELE — (Apontando os farrapos) Tens razão! Isto... de agora em diante...

Temos de ter cuidado com os nossos impulsos... condicionados! E... não vais precisar mais disto.

— (Alegre) Agora...

ELA — É! Devemos ser rigorosos.

ELE — Bom! Ainda não estamos habituados!

ELA — Pois é! Mas o que deve ser feito... tem de ser feito!

ELE — Ora! Vais ver! Agora é depressa.

ELA — Hum! Então connosco!... (Pausa)
...Uma causa tão bela... tão justa! E, claro, se todos os outros...

ELE — Ham?! E é um grande grupo!

ELA — E nem eles nos deixarão nunca mais cair! Ora!